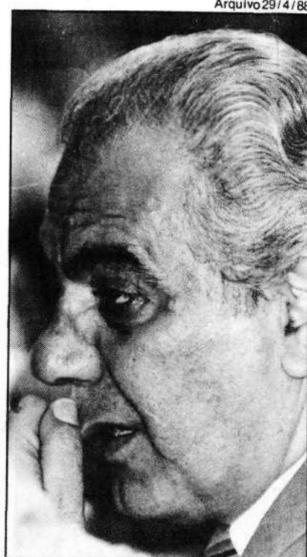
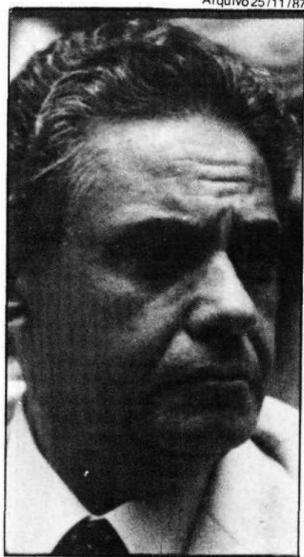


Dissidentes do PMDB fundam partido na 6ª feira

Arquivo 6/5/88

Arquivo 25/11/87

Arquivo 29/4/88



Livre da liderança, Covas se juntará a Fernando Henrique e a Richa para fundar o novo partido

O novo partido de centro-esquerda, originário da dissidência peemedebista, realizará, sexta-feira, dia 24, sua assembleia de fundação, num acontecimento que aumentou de importância em consequência da renúncia do senador Mário Covas à liderança do PMDB na Constituinte.

Ainda não há uma definição em torno do nome do novo partido, o que será objeto de decisão na assembleia. Nos últimos dias as alternativas mais fortes são Partido de Renovação Democrática e Partido Popular Democrático. Além da denominação, a assembleia aprovará o manifesto, o programa e os estatutos do partido, que terá uma linha social-democrata.

Fundadores

Com a renúncia de Covas à liderança, nada mais o prende ao PMDB e por isso ele deverá pedir seu desligamento do partido na ante-véspera da assembleia, devendo ser acompanhado, neste gesto, por cerca de 15 outros deputados e senadores peemedebistas.

Em outras palavras: Covas agora já está em condições de figurar na lista dos fundadores do novo partido, o que até a última quarta-feira não era considerado certo. O senador admitia permanecer no PMDB, acatando os apelos de muitos dos seus atuais correligionários que pretendiam vê-lo na liderança até o final dos trabalhos da Constituinte, e com isso sacrificaria a oportunidade histórica de apresentar-se como fundador do novo partido. Ele resolveu esquecer esses apelos quinta-feira, diante das críticas

que vinha recebendo de outros peemedebistas, inconformados com o fato de ele permanecer na liderança enquanto tratava da criação do novo partido.

Juntamente com Covas sairão do PMDB, quarta-feira, para participar da assembleia de fundação do novo partido, os senadores Fernando Henrique Cardoso, José Richa, Chagas Rodrigues e, provavelmente, o algoano Teotônio Viella. Da Câmara sairão pelo menos 10 peemedebistas, que se juntarão a 16 outros que já estão aguardando a nova sigla há vários dias.

Os articuladores do partido acreditam que a ata de fundação terá a assinatura de cerca de 40 parlamentares federais, incluindo os pefelistas Maria de Lourdes Abadia (DF), Jaime Santana (MA) e Saulo Queiroz (MT) e a pedetista Moema Santiago.

Em meio às previsões otimistas, os organizadores do partido mostram-se preocupados com a situação do Rio Grande do Sul, onde o senador José Paulo Bisol e os deputados Vicente Bogo e Hermes Zanetti, que estavam dispostos a participar da fundação mas que agora se mostram relutantes. O problema principal dos três é a anunciada intenção do senador pefelista Carlos Chiarelli e do ex-presidente da Câmara e ex-líder da Arena, Nelson Marchezan, de também se filiarem à nova legenda.

No caso de Bisol, a eventual filiação de Marchezan seria particularmente embaraçosa, porque, nas últimas eleições, o senador foi um enérgico crítico da tentativa do atual governador gaúcho, Pedro Simon, de fazer uma aliança com o ex-presidente da Câmara. O an-

tagonismo se torna ainda maior em razão de divergências ideológicas, tendo em vista o comprometimento de Marchezan com os governos militares.

Caso desista da adesão ao novo partido, a mais provável opção de Bisol será pelo PDT, o que já foi inclusive objeto de uma conversa entre ele e Brizola.

Montoro

Fora dos quadros parlamentares, o nome mais expressivo entre os fundadores do novo partido é o do ex-governador e ex-senador por São Paulo, Franco Montoro. Caso o senador Mário Covas não aceite realmente sua candidatura à Presidência da República, Montoro é considerado o mais forte "presidenciável" do partido. Apesar de ter a preferência da maioria da dissidência peemedebista, Covas tem afirmado, com insistência, que antes de disputar a Presidência da República pretende passar pelo governo de São Paulo.

Essa afirmação chegou a ser encarada como uma forma de Covas evitar a precipitação do debate em torno do problema da candidatura à Presidência, mas agora a alegação do senador já é encarada como sincera por alguns parlamentares paulistas.

Além de Covas e Montoro, o novo partido tem dois outros presidenciáveis — Fernando Henrique Cardoso, de São Paulo, e José Richa, do Paraná. Em relação a esses dois, Montoro tem a vantagem de ser figura nacionalmente mais conhecida, além da experiência de haver governado o Estado economicamente mais importante do País.

Para Ibsen, legenda manterá perfil

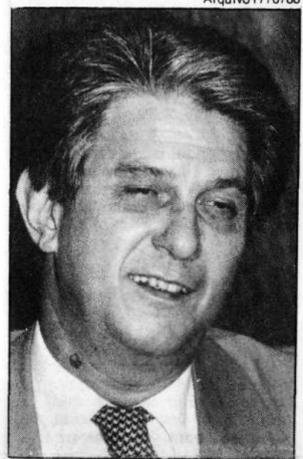
Arquivo 17/6/88

O líder do PMDB na Câmara dos Deputados, Ibsen Pinheiro (RS), vê com naturalidade a crise que seu partido vem atravessando com a saída, nesta semana, de várias figuras de destaque de seus quadros, como os senadores Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e vários deputados, que formarão uma nova agremiação política. O deputado acha que a saída desses parlamentares, considerados progressistas, não influenciará o perfil do PMDB que sair da convenção do dia 21 de agosto. Argumenta que muitos conservadores também têm abandonado o partido, "só que com menos charme".

A decisão do senador Mário Covas de renunciar à liderança do PMDB na Constituinte fez com que seu nome fosse apontado como o substituto mais provável para assumir o posto. Ibsen, no entanto, reage com cautela e diz que não está postulando nada e quer apenas contribuir para que a solução do problema não seja traumática.

Ibsen afirma que a atitude do senador foi consequência de um ato já decidido anteriormente. "É lamentável, mas temos que aceitar a realidade, o senador optou por um outro partido. O seu afastamento é uma consequência, afirma. Ele admite que é uma perda importante para o partido mas acrescenta que o PMDB continua: "O partido perde muito com a saída de Covas, um senador que foi eleito com perto de 8 milhões de votos e é um homem de postura pessoal e política, mas não perde o principal. O principal não são suas lideranças, nem Covas nem Ulysses, nem ninguém. O principal são suas bases, seus compromissos e sua vocação para servir ao País e ao povo brasileiro".

Dificuldades
O deputado lança uma farda nos dissidentes que estão saindo do partido ao afirmar que muitos conservadores também têm abandonado o PMDB "mas admitem que é por problemas regionais, ao passo que outros setores atribuem a motivações nacionais as suas dificuldades regionais". Segundo Ibsen Pinheiro, o PMDB está emagrecendo dos dois lados, o que ele acha natural pois o partido inchou a partir de 1986.



Ibsen Pinheiro (PMDB-RS)

"Em 86 fomos o partido de todos e para conduzirmos o processo de transição não podíamos pedir carteirinha ideológica de ninguém. A nossa unidade era a luta democrática. Quando ela estiver superada, e o estará após a promulgação da nova Constituição, aí nós vamos redefinir o partido. Magreza no geral é sinal de rigidez, de saúde. O PMDB vai ser mais magro, mas vai ser mais saudável", assegura.

Os dissidentes que ficam já tomaram uma posição a respeito da disputa da convenção do partido no dia 21 de agosto: o PMDB terá que mostrar a sua face, com ganhadores e perdedores, sem amplas composições que caracterizem uma frente, como tem sido feito até agora. Para o deputado essa posição é "uma das melhores características do PMDB".

"Os partidos homogêneos ou têm chefes, ou são organismos reunidos só pela fisiologia. Os partidos vivos e amplos, de feição pluriclassistas têm conflitos, como o Partido Socialista francês, o Partido Trabalhista inglês, o Partido Democrata dos Estados Unidos, para citar só três exemplos. Logo, isto é perfeitamente natural. Haverá choque de idéias no PMDB como sempre houve e haverá, resultantes desses confron-

tos indicando o caminho do partido, que será progressista no sentido social e democrático no sentido institucional", afirma.

Consciência

Uma das principais críticas que os dissidentes fazem ao partido é que as decisões sempre "são empurradas com a barriga" e que as grandes questões são deixadas de lado para não se criar dissensões internas. Ibsen Pinheiro não concorda. Ele acha que o partido tem que ter decisões nitidas sobre o que considera importante, sobre o que ele não considera deixa para a consciência de seus integrantes.

"Imagine se propormos lá uma definição nitida que o partido seja espírito. Isto é um equívoco, ou que ele seja presidencialista, é um outro equívoco. Um partido define seus compromissos com um tipo de sociedade e não no varejo dos conflitos humanos. Em função de um perfil de sociedade é que nós devemos definir questões essenciais. O PMDB até aqui foi absolutamente nitido e claro como nenhum nesse País na sua tarefa principal, que era a reorganização democrática do Brasil. Ninguém e nenhum partido; porque partidos da esquerda propuseram a prorrogação de Figueiredo; partidos da esquerda se afastaram da transição, se juntaram aos da direita para preservar o autoritarismo, querendo ou não querendo. Não tínhamos porque sermos claros, nitidos e afirmativos numa questão que não interessa ao nosso programa: o sistema de Governo ou a duração do mandato do atual Presidente. Na convenção vamos fazer a mesma coisa. Vamos definir o que é essencial em questões nitidas e no que for secundário teremos grupos, tendências, ou opiniões pessoais.

O deputado afirma ainda que o partido contribuiu para os avanços no texto constitucional com mais de 200 votos. Por isso eles não serão suprimidos no segundo turno de votação. "O PMDB terá um novo líder com a mesma base para fazer as alianças. O partido é o fator de estabilidade da Constituinte, sem o PMDB esquerda é direita não conversam". Ibsen Pinheiro garante que os entendimentos vão continuar. "Ninguém é insubstituível, nem mesmo o Mário Covas, assegura.

Ulysses domina a sucessão

Andrei Meireles

Qualquer dos dois candidatos à Liderança do PMDB na Constituinte que seja escolhido na próxima quarta-feira, a sucessão do senador Mário Covas já tem antecipadamente um vencedor: o deputado Ulysses Guimarães. Os dois candidatos — deputados Ibsen Pinheiro e Nelson Jobim — são assíduos interlocutores de Ulysses e freqüentes comensais de sua residência na Península dos Ministros.

Ibsen Pinheiro, que ensaiou uma resistência à indicação, recedeu de que um desgaste no segundo turno da Constituinte possa prejudicar seu projeto de se candidatar em novembro à Prefeitura de Porto Alegre, aceitou a candidatura justamente após conversar com Ulysses Guimarães. Os parlamentares mais chegados a Ulysses, como os deputados Cid Carvalho, Israel Pinheiro Filho e Genebaldo Correia, estão trabalhando por Ibsen Pinheiro.

Já Nelson Jobim, no exercício interino da Liderança por indicação de Covas, ganhou logo a simpatia dos setores mais à esquerda com as quais se identifica desde que chegou à Constituinte

te e foi um dos articuladores do movimento pró-soberania. De lá para cá, contudo, Jobim, que se tornou por seus conhecimentos jurídicos um dos principais auxiliares do relator Bernardo Cabral, aproximou-se bastante de Ulysses a ponto de ser considerado por seus companheiros como um ulyssista.

Na sexta-feira, Ibsen e Jobim conversaram, mas não chegaram a um acordo. Cauteloso, Ibsen diz que "não aspira e não postula" o cargo, que acumularia com a Liderança do PMDB na Câmara. Mas sua campanha, através da coleta de assinaturas de apoio, está a pleno vapor com seu consentimento. Jobim, por sua vez, diz que definirá nos próximos dias se será ou não candidato. A decisão está condicionada às conversas e apoios que obtiver. Mas deixa claro que há "precedentes" da confirmação do 1º vice-líder em exercício quando o líder se afasta no meio de seu mandato. O que, agora, o beneficiaria.

Força de Ulysses

O senador Mário Covas foi eleito em março de 86 derrotando o então líder na Câmara, deputado Luiz Henrique, candidato de Ulysses. Desde o início dos trabalhos consti-

tuintes, as relações entre Covas e Ulysses não foram boas, mas nos últimos meses pioraram, tornando-se quase diárias a troca de farpas e ironias entre eles nas sessões da Constituinte.

Covas fez da realização de eleições presidenciais este ano o seu principal ponto de luta, enquanto Ulysses, afinado com o presidente José Sarney, ajudou discretamente a vitória da proposta de um mandato presidencial de cinco anos. Com a decisão dos dissidentes do PMDB de criar um novo partido, especialmente após Ulysses Guimarães, que tem maioria na Executiva Nacional, ter, mais uma vez, adiado a Convenção do Partido prevista para junho, Covas manteve com o Presidente do seu partido relações de adversários.

Ulysses, com apoio dos governadores e do Planalto, quer ter no segundo turno da Constituinte um líder de sua confiança. Até para executar o que prometeu a vários parlamentares no dia seguinte à aprovação pela Constituinte do tabelamento dos juros em 12% ao ano: "No segundo turno, vamos passar um pente fino no texto aprovado no primeiro turno".